



MARCELA FRYDRICHESKI DE CAMPOS

O preconceito linguístico em Chapecó (SC): visto a partir de dados de uma família.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

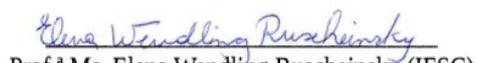
Orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 16/02/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFES)


Prof.ª Dra. Cristiane Horst (UFES)


Prof.ª Ms. Elena Wendling Ruscheinsky (IFSC)

Prof. Dr. Fernando Hélio Tavares de Barros (UFES)

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM CHAPECÓ (SC): VISTO A PARTIR DE DADOS DE UMA FAMÍLIA.¹

Marcela Frydricheski de Campos²

tchelacampos@gmail.com

RESUMO: Com o presente estudo levantamos dados de fala acerca do preconceito linguístico no círculo familiar, na cidade de Chapecó (SC). Muitas vezes somos identificados e julgados pelo nosso modo de falar, pela nossa variedade linguística, herança de nosso grupo e região onde estamos inseridos. Nesse sentido, justificamos nosso estudo em Chapecó (SC), por ser uma cidade multicultural, onde são faladas diversas variedades linguísticas autóctones e alóctones tanto de imigração tardia (alemães, italianos, poloneses, etc.), quanto de imigração recente (haitianos, venezuelanos, senegaleses, etc.) e que, em contato com a variedade oficial, estima-se que sofram algum tipo de preconceito. Pretendemos com o presente estudo, verificar a existência de preconceito linguístico perante a fala da população de Chapecó (SC) em uma família. A sociedade tem conhecimento do significado da palavra “preconceito”, quando as mídias relatam casos ocorridos, como, por exemplo, preconceito racial, social, étnico, religioso, político, dentre outros. Porém, há um outro tipo que é considerado “normal” ou até mesmo “inexistente”, que é o preconceito linguístico, ou seja, conforme Dacoregio (2022), o julgamento da maneira de falar das pessoas. O presente trabalho tem como principal objetivo, descrever o preconceito linguístico na cidade de Chapecó a partir da percepção de informantes de uma família. Sabe-se que as consequências de quem sofre, e o tamanho da gravidade de quem pratica são muito grandes. O presente estudo terá sua teoria baseada nos escritos de Bagno (1999), Aguilera, (2005), Altenhofen (2004) e Dacoregio (2022). Nossos dados serão coletados a partir das percepções e falas coletadas junto da família da autora deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo; preconceito linguístico; imigração recente

INTRODUÇÃO

Ainda é comum vivenciarmos em nosso cotidiano várias atitudes preconceituosas, envolvendo a cor da pele, opção política, religiosa, sexual, classe social, etc. Dentre as várias categorias de exclusão e de estigmatização, existe a discriminação da maneira de falar das pessoas, ou seja, o preconceito linguístico. A escolha desse tema, conhecido pela sociedade,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

² Acadêmico(a) da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

porém não muito discutido ou levado a sério, deu-se em função da vivência que a autora sofreu na escola (durante o ensino fundamental e ensino médio), muitas vezes, com os professores sendo “cúmplices”, corroborando com essas atitudes de preconceito e de bullying. Corroborando no sentido de não fazerem nada para evitar esse tipo de preconceito, muito “possivelmente”, devido a falta de informação.

No presente artigo, temos como principal objetivo, descrever o preconceito linguístico na cidade de Chapecó. O presente tema a ser abordado tem como principal justificativa a questão de o assunto ser tão polêmico e, ao mesmo tempo, de extrema relevância para a sociedade, mas é tão pouco trabalhado e difundido na sociedade.

Precisamos educar e conscientizar as pessoas, desde sua infância até sua fase adulta, a respeitarem as diferenças existentes na sociedade do jeito que ela é, sem cometer brincadeiras de mau gosto devido sua cor, classe social, gênero ou uso de determinada variedade linguística. Vale ressaltar que um preconceito nada mais é do que um conceito ainda não formulado sobre um determinado tema ou assunto. Associado à palavra preconceito linguístico não existe somente um fator, como por exemplo, a variedade linguística falada pela pessoa, mas temos a origem geográfica da pessoa, se ela é gaúcha, paulista, carioca, nordestina ou paranaense etc, também temos a origem da pessoa, se ela é de descendência alemã, italiana, africana ou indígena, temos a classe social a orientação sexual, enfim, há um enorme conjunto de características que, junto com o preconceito linguístico, corroboram no “exercer influências negativas” sobre as pessoas.

1 O preconceito Linguístico

Segundo o dicionário Michaelis online, tratar de preconceito significa discriminar a pessoa por alguma razão sem ter conhecimento prévio sobre aquilo, ou seja, desrespeitar a outra pessoa pela escolha que a mesma fez, obrigando-a ter o mesmo pensamento que o seu.

“Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto. Opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão; prevenção. Superstição que obriga a certos atos ou impede que eles sejam praticados. Atitude emocional

condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos.” (dicionário Michaelis online)

O preconceito já pode ser comprovado na época de Jesus, ou seja, através da palavra shibolet, no livro de Juízes, capítulo 12, versículo 6. Nessa época, as pessoas que não pronunciavam corretamente essa expressão eram castigadas até à morte. “(...) Se declarava: “Não”, lhe ordenavam: “Então dize: Shibolet”. Se a pessoa dissesse “Sibolet”, sem conseguir pronunciar corretamente a palavra, prendiam essa pessoa e a matavam no lugar de passagem do Jordão.” (BÍBLIA DO CRISTÃO, 2020)

“(...) Se declarava: “Não”, lhe ordenavam: “Então dize: Shibolet”. Se a pessoa dissesse “Sibolet”, sem conseguir pronunciar corretamente a palavra, prendiam essa pessoa e a matavam no lugar de passagem do Jordão. (BÍBLIA DO CRISTÃO, 2020)

Assim como naquela época, atualmente também temos e sofremos o preconceito linguístico de várias maneiras. Temos o preconceito por sermos de uma ou outra região, por falarmos em uma variedade que não seja aquela falada num determinado município. Como por exemplo, uma pessoa residente em Chapecó quando se dirige a Florianópolis, vai notar que lá se fala diferente, assim como as pessoas de Florianópolis irão notar, pela fala da pessoa que ela não é de Florianópolis. Dessa forma, ocorrem alguns tipos de preconceito, um por não pertencer àquela comunidade de fala e outro por não pertencer àquela comunidade regional.

Pensando sobre a diversidade da nossa língua, devemos perceber que, muitas vezes, a escola tenta impor ao falante uma variante da língua que é comum a todos os brasileiros, mas esquece que a padronização de uma língua serve mais diretamente à modalidade escrita, fundamentalmente aprendida na escola. A diversidade linguística imprime uma condição especial à modalidade falada, porque a língua carrega as variações condicionadas por inúmeros fatores que, por sinal, são essencialmente mais sociais e culturais do que propriamente linguísticos, tais como: a faixa etária, o gênero, a situação socioeconômica, o grau de escolarização etc. (RIQUE, 2012; p. 4-5)

Outro fato marcante e discutido por Curioletti (2018) e Dacoregio (2022), é o uso do “R” tepe na região oeste de Santa Catarina. Essa variável está estigmatizada e popularmente é vista como uma variável de menor prestígio ou ainda, como língua de colono, inculta, menos

letrada. Vale ressaltar, assim como as autoras também confirmam, que se trata de uma variedade regional e que nada tem a ver com ser ou não ser dotada de maior ou menor conhecimento. Resta, portanto, a nós, respeitarmos e aceitarmos o seu uso por quem e onde quiser utilizar.

Segundo Bagno (1999),

“Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social”, afirma o linguista. “Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte.” (BAGNO; 1999)

Em outras palavras, é a própria sociedade, por motivos econômicos, culturais ou sociais que faz com que as pessoas criem tais preconceitos linguísticos. Para isto, basta estar dentro de uma sociedade, cuja população economicamente melhor sucedida, queira se distanciar da população menos privilegiada economicamente e já teremos o preconceito.

Vale dizer que geralmente o senso comum é que não sabemos “nem falar bem o português”, as pessoas se julgam incultas e incapazes de “falar um português correto”, principalmente aquelas que não tiveram acesso à gramática normativa nas escolas, no entanto ignoram o conhecimento inato da língua que trazem de berço. Mário Perini (1999, p.13) reforça essa visão afirmando que,

Qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. (PERINI; 1999, p. 13)

No Brasil, as grandes diferenças de classes sociais geram muita discórdia e discrepâncias quando nos referimos ao uso de uma ou outra variedade linguística. Um fato curioso é relacionado à utilização da variedade linguística intitulada por uma pequena porcentagem da população, como sendo culta. Porém, o que não é possível entender é que, por essa ser a variedade utilizada pela menor parcela da comunidade, por que, mesmo assim ela é vista como culta? Somente por ela ser a variedade da parcela da população detentora do poder?

Sírio Possenti (1996, p. 29) quando traz que:

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente. (POSSENTI; 1996, p. 29)

Condiz com o que vivenciamos no nosso ponto de pesquisa. Até certo ponto, aceitamos que falem espanhol, crioulo e outras línguas, mas não aceitamos que falem o português com uma entonação diferente ou com gírias diferentes.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de Barcelona elaborada e sancionada em 1996, cada língua ou variedade linguística utilizada por um povo, comunidade ou grupo de pessoas é legítima e digna por lei e por direito.

A situação de cada língua, tendo em conta as considerações prévias, é o resultado da confluência e da interação de uma multiplicidade de fatores: político-jurídicos; ideológicos e históricos; demográficos e territoriais; econômicos e sociais; culturais; linguísticos e sociolinguísticos; interlinguísticos; e, finalmente, subjetivos. (Declaração Universal dos Direitos Linguísticos; 1996, p. 3)

Olhando a realidade em Chapecó, iniciando pela proibição das variedades de imigração tardia, ainda na época da ditadura no governo Vargas, que implantou o pensamento de “um povo, uma língua” e que perpassa até os dias atuais, inculcado nas cabeças da nossa população. Pouca coisa mudou para algumas pessoas, inclusive podemos notar em nossas escolas, cujo corpo docente, não está preparado para receber e trabalhar com o multilinguismo. Não falamos só do bilinguismo da imigração tardia de descendentes de italianos, alemães e poloneses, mas também da imigração recente, de haitianos, venezuelanos que sofrem diariamente com o preconceito linguístico e, também, daquelas pessoas que, por motivos diversos, vieram de outras regiões do Brasil e trouxeram em suas bagagens culturais, variedades linguísticas das mais distintas. A hipótese que orienta este trabalho é que por falta de conhecimento tanto por parte dos docentes, em não saber administrar e nunca terem passado por uma situação da presença de um grande número de variedades linguísticas numa mesma sala, como também é algo novo para os alunos brasileiros, que tal situação cause um certo preconceito linguístico em relação aos imigrantes. Sem contar com o preconceito vivido na sociedade que é levado para dentro das salas ou levado das salas para as famílias. Também

o preconceito linguístico entre as diferentes classes sociais e étnicas, que é o nosso maior foco neste trabalho, é enorme e faz com que uma pessoa, só por causa da sua cor de pele ou situação social seja discriminada pelo seu modo de falar.

Mass e Fritzen (2017) descrevem a realidade brasileira através da citação feita por Altenhofen (2013) e Maher (2007):

“O Brasil é um país plurilíngue (ALTENHOFEN, 2013; MAHER, 2007), formado por uma diversidade que perpassa muitas origens e tradições: as comunidades indígenas, os imigrantes europeus, as populações que vivem nas fronteiras, bem como as diferentes manifestações culturais que compõem esse país de dimensões continentais.”(MASS; FRITZEN; 2017, p. 1-2)

As escritoras Facing e Spessatto (2007), enfatizam o nível do agravamento que a sociedade chegou, a ponto de utilizar brincadeiras de mau gosto para atingirem outras pessoas, fazendo piadas sobre os tipos de preconceito:

“(…) Os textos de humor, principalmente as piadas, têm servido como instrumento nessa segmentação, reforçando o preconceito aos falantes de variantes vernáculas, que são os mesmos sujeitos que, em outras situações e até mesmo nas piadas, enfrentam o preconceito pela sua condição social (…)” (FACING; SPESSATTO; 2007, p. 246)

Complementando o estudo deste artigo, as autoras fazem citação de Bagno (1999), na qual ele ressalta a origem do preconceito linguístico: "(...) Simplesmente, o preconceito linguístico não existe, o que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. (...)"

Altenhofen (2017), deixa claro que nos dias atuais há uma crescente diversidade linguística, mencionando o decreto sobre o “Inventário Nacional da Diversidade Linguística”:

“(…) Nos últimos dez anos, desde os debates em torno do Seminário sobre a Criação do Livro das Línguas, promovido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 2006, tem crescido no Brasil, no âmbito do registro do patrimônio cultural imaterial, o interesse pela “diversidade linguística”, que, em 2010, vale destacar, culminou com a assinatura do decreto nº 7.387, que instituiu o “Inventário Nacional da Diversidade Linguística. (...)”(ALTENHOFEN, 2017, p. 1)

Em pleno século XXI, continuamos a ter muitas dificuldades em receber imigrantes na maioria das escolas públicas. Isso ocorre pelo fato da instituição não oferecer espaços para atendimento personalizado (por exemplo, sala de reforço no contraturno), professores despreparados para ensinarem aos alunos que não compreendem o português, por não terem conhecimentos na língua estrangeira que o estudante possui como língua materna ou então sua segunda língua.

Caso não mudarmos esse pensamento que reina nossa sociedade, possivelmente, desde antes inclusive da era Vargas, seguiremos a alimentar o preconceito linguístico. No capítulo seguinte, faremos a apresentação da metodologia e em seguida partiremos para a análise.

2 Metodologia

Nossa metodologia está pautada na coleta de dados com familiares da autora, localizados na cidade de Chapecó, SC e na revisão bibliográfica de textos e obras que abordam o preconceito linguístico. Esse material bibliográfico servirá de base para as nossas análises dos dados coletados.

O projeto teve seu início no mês de março de 2023 e sua conclusão em fevereiro de 2024. Nesse espaço de tempo, foram realizadas revisões teóricas, estudo bibliográfico, acerca do Preconceito Linguístico. Após análise das leituras associadas ao tema, foi formulado um roteiro de perguntas direcionadas à percepção dos nossos informantes em relação ao preconceito sofrido.

Nossa pesquisa teve um total de 14 informantes, todos integrantes da família da pesquisadora, chegando até o 2o grau de parentesco. Por serem todos da família, foi possível realizar a pesquisa sem a necessidade de passar pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade.

Desses 14 informantes, temos 7 informantes masculinos (M) e 7 femininas (F), a idade deles varia entre 18 e 58 anos. Não foi possível selecionar os informantes por classe social, nem econômica, nem por meio de escolaridade. O que conseguimos fazer foi separar pela dimensão diageracional sendo a geração mais jovem (GI) com idade entre 18 e 29 anos e a

Geração mais velha (GII) entre 32 e 58 anos. A metodologia empregada segue, em partes e de forma adaptada, a teoria e metodologia Pluridimensional e Relacional de Thun (2012).

Vale lembrar que todos os informantes são residentes no município de Chapecó, no Oeste de Santa Catarina a pelo menos ou mais de 75% das suas vidas.. Nossos dados foram coletados com o auxílio de um questionário online, enviado pela plataforma do whatsapp. Nesse questionário os informantes foram solicitados a responder às 13 perguntas. Dessas 13 perguntas, cinco são de respostas objetivas e oito são de respostas escritas.

Para a análise iremos relacionar os dados e confrontá-los com as respostas de outros informantes para somente então traçar o perfil de preconceito sofrido e/ou exercido.

3 Análise de dados

Para a nossa análise iremos dividir as respostas dos nossos informantes baseado nos dois tipos de perguntas. Também foi levado em conta, para a análise, o gênero de cada informante em cada um desses momentos. Seguiremos a sequência numérica das perguntas de forma crescente.

1-) O que é preconceito linguístico para você?

Quando questionados sobre o que é o preconceito linguístico, obtivemos respostas, que nos permitiram entender que, para todos os informantes o tema é conhecido, porém nossos dados apontam a incoerência por parte dos informantes, no quesito de terem praticado quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino.

“É um preconceito relacionado à maneira de falar/ escrever a língua, no sentido de considerar outra pessoa inferior pelo modo de falar” (GI-F)

E o informante GI masculino complementa:

“Preconceito Linguístico trata-se da falta de compreensão do dialeto cultural de um indivíduo, o que denomino como "sotaque" ou dialeto regional/cultura. É comum a geração de frases de humor buscando rebaixar o indivíduo afetado pela piada e até mesmo caçoa-lo imitando-o de maneira cômica.” (GI -M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Críticas ou ofensas referente às diferentes formas de comunicação, vocabulário regional, gírias e afins.” (GII-F)

e um informante GII masculino explicou:

“Reação de desconforto ou distanciamento pelo receptor quando o emissor da mensagem utiliza elementos de linguagem de origem alheia ou desconhecida por aquele.” (GII-M)

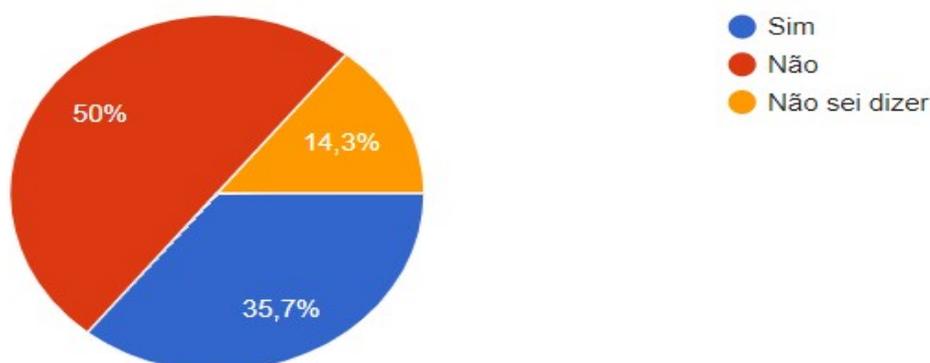
Como podemos perceber, todos têm um entendimento do que é o preconceito. Sabem, não porque leram ou discutiram sobre, mas o sabem, por experiência ou por terem ouvido de alguém. Percebe-se que o informante masculino (GII M) cita desconforto, enquanto que a mulher da GII cita ofensas. Também temos o sentimento de inferioridade e as piadas que são feitas em torno dos que dominam uma variedade que não é a oficial. Isso condiz com o que Krug (2004) traz em seu estudo de identidade e de pertencimento a um determinado grupo linguístico e quando se está fora dele, acontecem esses entraves preconceituosos.

A partir dos comentários, também podemos comparar com o exposto por Perini (1999) e Possenti (1996), de que o preconceito linguístico se dá mais entre os falantes de uma mesma língua e que temos um fundo de culpa calcada no ensino da norma escrita pela escola, juntando os dois estilos como sendo único, sem ver a origem e a caminhada de cada um individualmente.

2-) Gráfico 1: Você já sofreu preconceito linguístico?

2-) Você já sofreu esse tipo de preconceito?

14 respostas



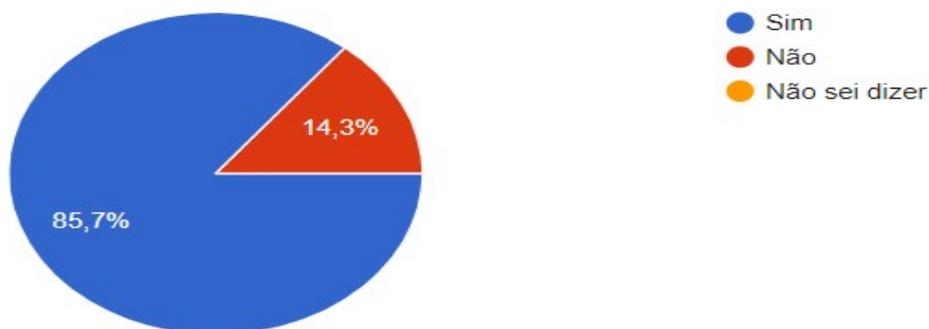
Como podemos perceber no gráfico acima, 50% dos informantes alegam que não sofreram nenhum tipo de preconceito linguístico, 35,7% já sofreram e 14,3% não souberam responder. Isso nos mostra que em quase 35,7% dos casos, houve preconceito. Em outras palavras, nossa amostra aponta que para cada 10 pessoas três já sofreram algum tipo de preconceito aqui em Chapecó, do total de 14 pessoas entrevistadas esses 35,7% são 5 informantes que confirmaram, sendo 3 homens e 2 mulheres.

Aqui levantamos a hipótese, baseada na falta de conhecimento, como explicamos no início do capítulo, o que seria um preconceito linguístico. Em outras palavras, esses 50% podem não saber ou não percebem, por falta de informação ou por não entenderem o que seria um preconceito linguístico e por isso, responderam que não.

3-) Gráfico 2: Você repara que algumas pessoas falam coisas diferentes que você?

3-) Você repara que algumas pessoas falam coisas diferentes que você?

14 respostas



Como podemos perceber no gráfico acima, 14,3% dos informantes não repararam nenhuma diferença no quesito falar em relação às outras pessoas, já 85,7% já perceberam alguma diferença. Isso nos mostra que em quase 86% dos casos, houve preconceito. Isso significa que há variação linguística entre os informantes e seus conhecidos. Do total de 14 pessoas entrevistadas, esses 85,7% são 12 informantes que confirmaram, sendo 6 homens e 6 mulheres. Vimos aqui que, em relação ao gráfico anterior, em que 50% disseram não ter sofrido preconceito, aqui temos 85,7% que percebem falas diferentes, ou seja, os informantes percebem as diferenças nas falas das pessoas, porém não veem isso de forma preconceituosa.

4-) Como você vê essa diferença?

Em relação à questão sobre “como você vê essa diferença”, obtivemos as seguintes respostas, o que nos dão a entender que para todos os informantes o tema é conhecido, como já vimos na questão 1), porém nossos dados apontam para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico.

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“Acho interessante toda a variedade linguística, mas confesso que determinadas expressões me causam um estranhamento.” (GI-F)

E o GI masculino complementa:

“Primeiramente a diferença no dialeto e até mesmo de palavras gera um estranhamento mas após algumas conversas torna-se mais fluido e principalmente cabe a mim compreender a origem cultural e regional do indivíduo.” (GI-M)

No GII feminino, houve o seguinte comentário:

“Pelo sotaque e língua do país de origem da pessoa.” (GII-F)

E um informante GII masculino explicou:

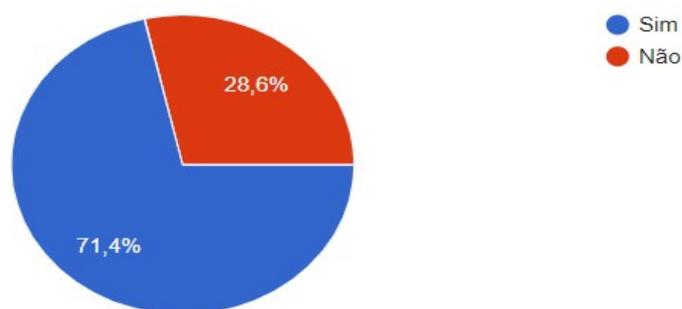
“Muitas vezes no falar. Pelo sotaque diferente.” (GII-M)

Percebe-se que todos os informantes confirmam que é pelo modo de falar ou pelo sotaque que se identificam ou não com os interlocutores. Sabendo disso, podemos supor que a partir da fala que eu também me identifico ou não com o outro. Da mesma forma como julgamos o outro, também somos julgados pelo modo como falamos.

5-) Gráfico 3: Você já corrigiu alguém que falou de maneira diferente?

5-) Você já corrigiu alguém que falou errado?

14 respostas



Como podemos perceber no gráfico acima, 28,6% dos informantes não corrigiu ninguém que falou de maneira diferente, 71,4% relatou que não sofreu preconceito, mas já praticou, de maneira inconscientemente, através da correção de alguma fala que alguém disse diferente. Do total de 14 pessoas entrevistadas, esses 71,4% são 10 informantes que confirmaram, sendo 4 homens e 6 mulheres.

Ao corrigir a fala de alguém, mesmo que sem ter nenhuma má intenção, podemos estar ferindo nosso interlocutor. A partir das nossas percepções, podemos dividir as correções em dois tipos: 1) A correção a um estrangeiro que está aí aprendendo a língua oficial do país receptor, que podemos chamar de correção de acolhimento e de aprendizagem. 2) A correção de termos ou expressões que são regionalismos inculcados na comunidade de fala, característica de determinada região, como por exemplo o “r” tepe ou o vibrante, as trocas de plosivas dentais ou bilabiais surdas por sonoras.

6-) Se a resposta for "sim" na questão anterior, como você se sentiu? Se a resposta for "não" / "não sei dizer" na questão anterior, responder com "não" / "não sei dizer"

Essa questão, “como você se sentiu”, tem como principal objetivo complementar a resposta da pergunta anterior, de maneira que o/a informante tivesse a oportunidade de dar sua opinião sobre a temática. Desse modo, obtivemos as seguintes respostas, o que nos dão a entender que para todos os informantes o tema é conhecido, porém nossos dados apontam

para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico.

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“Era uma amiga peruana, então às vezes ela mesma pedia para que a corrigissem; não costumo corrigir sem a pessoa pedir.” (GI-F)

E no GI masculino, um informante complementa a significação, através do seu ponto de vista:

“Apenas corrijo quando há equívoco na contextualização da palavra, por exemplo, a utilização de uma palavra fora do contexto da frase ou quando há uma palavra que para o indivíduo é normalmente utilizada, porém para a minha região/cultura é ofensiva ou desnecessária.” (GI-M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Me senti tentando ajudar a outra pessoa a se comunicar melhor.” (GII-F)

E um informante GII masculino explicou:

“Bem, com a oportunidade de aprender as diferenças regionais de linguagem.” (GII-M)

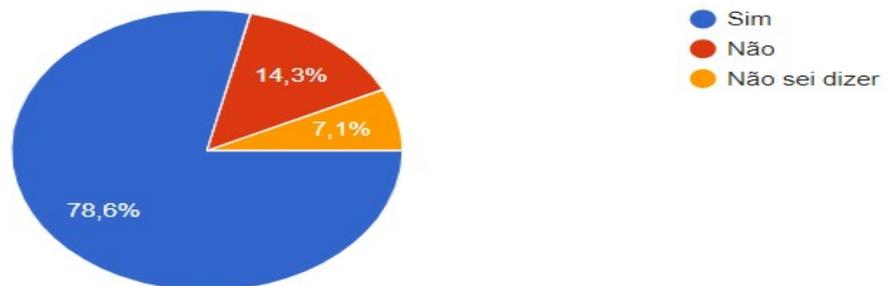
A partir dessas respostas, foi possível verificar a existência de um conhecimento prévio dos regionalismos de Chapecó. Isso deve, possivelmente, se refletir no comportamento da maioria da população, mas por se tratar de um órgão de poder, a língua que falamos,

ignoram, debocham e estigmatizam os falantes que não dominam aquela variedade padrão que chamam de culta.

7-) Gráfico 4: Você foi corrigido por alguém, quando falou diferente?

7-) Você foi corrigido por alguém, quando falou diferente?

14 respostas



Como podemos perceber no gráfico acima, 14,3% dos informantes não foram corrigidos por ninguém, quando falaram diferente, 78,6% afirmaram ter recebido correção em alguma fala diferente, 7,1% não souberam responder. Isso significa que, em relação à questão anterior, “de não ter sofrido preconceito”, entre os dois gráficos percebemos uma contradição, do total de 14 pessoas entrevistadas, esses 78,6% são 11 informantes que confirmaram, sendo 5 homens e 6 mulheres.

Mais uma vez os dados nos mostram diferença entre o gráfico 1 e o gráfico 4. no 1, 50% dos informantes diz não ter sofrido preconceito linguístico, porém aqui, 78,6% dizem já terem sido corrigidos por alguém. Com isso, podemos reforçar nossa hipótese de que muitos informantes já sofreram preconceito linguístico, porém não o viram como tal. Claro, às vezes, somos corrigidos por termos utilizado um vocabulário, ou fonemas falados de forma diferente, que não correspondia com aquele contexto o que não constitui preconceito, no entanto, temos casos em que somos vítimas de preconceito, mas não revidamos pelo simples fato de o praticante do preconceito ser nosso chefe ou superior ou, inclusive, uma autoridade.

8-) Se a resposta for "sim" na questão anterior, como você se sentiu? Se a resposta for "não" / "não sei dizer" na questão anterior, responder com "não" / "não sei dizer"

Essa pergunta, “como você se sentiu”, tem como principal objetivo complementar a resposta da questão anterior, de maneira que o/a informante tivesse a oportunidade de dar sua opinião sobre a temática. Assim, obtivemos as seguintes respostas, o que nos dão a entender que para todos os informantes o tema é conhecido, porém nossos dados apontam para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico.

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“Depende da forma que fui corrigida. Não me sinto mal quando isso acontece, a não ser que a pessoa tenha sido chata ao fazer isso.” (GI-F)

E o informante GI masculino complementa a significação, através do seu ponto de vista:

“Primeiramente me senti envergonhado, porém após compreender a razão da correção, busquei evitar cometê-la novamente.” (GI-M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Pra mim foi normal, pois eu estava pronunciando a palavra de forma errada.” (GII-F)

E um dos informantes GII masculino explicou:

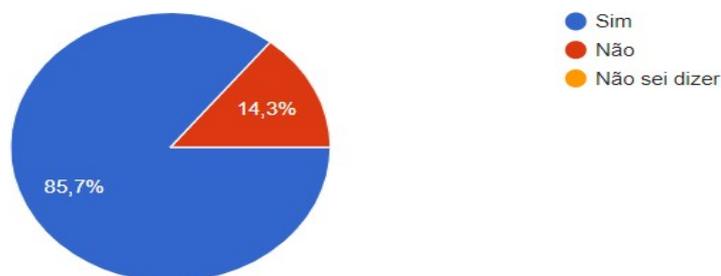
“Vivendo e aprendendo.” (GII-M)

A partir destes comentários, percebemos que, inclusive quando os informantes sofrem preconceito linguístico, não dão muita importância para isso. Claro que sempre necessitamos ver em quais circunstâncias e quem foram os praticantes. O que se apresenta aqui é exatamente o que comentamos no início do trabalho, ou seja, diferente dos preconceitos de raça, de gênero, de religião, etc, o preconceito linguístico, na maioria dos casos, é irrelevante e portanto, ignorado pelo agredido e desrespeitado pelo agressor.

9-) Gráfico 5: Você viu alguém corrigindo outra pessoa?

9-) Você viu alguém corrigindo outra pessoa?

14 respostas



Como podemos perceber no gráfico acima, 14,3% dos informantes não viu ninguém corrigindo outra pessoa, mas 85,7%, confirmaram ter tido ciência de ter visto outra pessoa ser corrigida. Do total de 14 pessoas entrevistadas esses 85,7% são 12 informantes que confirmaram, sendo 6 homens e 6 mulheres.

10-) Como você se sentiu?

Em relação à questão sobre “como você se sentiu”, obtivemos as seguintes respostas, que nos dão a entender que para todos os informantes o tema é conhecido, porém nossos dados apontam para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico. Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“Depende da maneira que a pessoa corrigiu. Se foi de maneira arrogante, me sinto revoltada, agora, se for de forma amigável, fico neutra.” (GI-F)

E o GI masculino complementa a significação, através do seu ponto de vista:

“Tratava-se de uma correção mais de escrita que oratória, mas concordei que realmente devia-se corrigir o erro no português.” (GI-M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Senti que existem diferentes formas de fazer essa correção.”(GII-F)

E no GII masculino, um informante explicou:

“Em alguns casos percebi preconceito, em outros enriquecimento entre os interlocutores.” (GII-M)

Percebe-se então, através das entrevistas, o quanto está presente a variação linguística de maneira que não se conhece ou sabe do assunto, fazendo com que as pessoas pensem que apenas existe certo ou errado.

11-) O que você acha que não está correto na sua fala?

Em relação à questão sobre “o que você acha que não está correto na sua fala”, obtivemos as seguintes respostas, que nos dão a entender que para todos os informantes o tema é conhecido, porém nossos dados apontam para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico.

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“A depender do contexto, busco falar segundo a norma padrão. Claro que é impossível falar dessa forma no dia a dia, então busco um meio-termo. Acho que o “falar certo” está justamente no contexto, então acho que é isso que está “correto” na minha.” (GI-F)

E o informante GI masculino complementa a significação, através do seu ponto de vista:

“Tenho muito que estudar o português e evito usar gírias principalmente para não degradar o conhecimento que possuo, mas realmente há muito o que estudar e aprender essa língua maravilhosa e rica que falamos.” (GI-M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Nem sempre falo corretamente. Mas na maioria das vezes percebo quando falo errado. E muitas vezes falo errado por brincadeira.” (GII-F)

E no GII masculino, um informante explicou:

“A utilização das concordâncias gramaticais e verbos nominais.” (GII-M)

Aqui percebemos exatamente o que Mário Perini (1999, p.13) coloca em sua obra de que qualquer um possui conhecimento de português, mas que esse conhecimento se diferencia do conhecimento que adquirimos na escola, por isso temos nossas inseguranças.

12-) O que você vê nas outras pessoas que você acha errado?

Em relação à questão sobre “o que você vê nas outras pessoas que você acha errado”, obtivemos as seguintes respostas, que o tema é conhecido, porém nossos dados apontam para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico.

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“Acho que quando o erro gramatical interfere na compreensão da mensagem, é errado. Mas quando alguém diz algo de forma diferente do que eu, não acho "errado.” (GI-F)

E o informante GI masculino complementa a significação, através do seu ponto de vista:

“Considero errado as piadas e falas de humor quanto ao dialeto e sotaque do indivíduo, porém acho correto corrigir (de maneira educada) quando alguém realiza um erro nas regras da língua portuguesa.” (GI-M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Às vezes falam errado por brincadeira e acabam falando dessa maneira sempre. Até sem perceber. Outras vezes por não saber falar corretamente o idioma.” (GII-F)

E no GII masculino, um informante explicou:

“A grafia incorreta das palavras quando emitidas com sotaque regionalizado. Exemplo: Fala-se "Bora!" e "cê" e não se escreve "Embora!" e "você.”(GII-M)

Da mesma forma, podemos perceber o poder da educação formal na criação do preconceito linguístico. O ensino formal é importante e faz parte da nossa cultura, mas o que não podemos perder de vista é que somos formados por pessoas de diferentes origens étnicas, sociais, religiosas, etc. e isso deve ser respeitado. A escola tem a função de ensinar uma variante mais normatizada sem desmerecer as outras variantes.

13-) Como você acha que poderíamos colaborar para que as pessoas não sofressem preconceito linguístico?

Em relação à questão sobre “como você acha que poderíamos colaborar para que as pessoas não sofressem preconceito linguístico”, obtivemos as seguintes respostas, o tema é conhecido, porém nossos dados apontam para o descumprimento tanto por parte dos informantes, no quesito de terem praticado, quanto por parte deles terem sofrido preconceito linguístico.

Como por exemplo, podemos ver na resposta da informante GI feminino:

“Acho que é um trabalho de conscientização individual, de pessoa para pessoa. Além disso, acho que a Internet pode contribuir muito com isso, para que tenhamos contato com as diversas variações linguísticas. Acho que se convivemos diariamente com certa maneira de falar, nos acostumamos e o preconceito enraizado pode perder sua força.” (GI-F)

O informante GI masculino complementa, através do seu ponto de vista:

“Primeiramente quando trata-se de um dialeto cultural realmente é através da divulgação e informação indicando que devemos buscar compreender e aceitar as diferenças culturais ainda mais por vivermos em um país de extrema diversidade cultural. Agora quanto ao erro em relação ao uso correto do português realmente tem que ser corrigido mas há maneiras corretas para isso, como explicar de maneira educada, buscar mostrar a razão do erro e como evita-lo.” (GI-M)

No GII feminino, uma informante comentou:

“Desenvolvimento da empatia e melhora na comunicação.” (GII-F)

E no GII masculino, um informante explicou:

“Desenvolver políticas voltadas a oportunizar encontros e conhecimentos regionais linguísticos de uma região para outra.” (GII-M)

Podemos perceber que existe, entre os informantes, a consciência de que algo precisa ser trabalhado e mudado, mas também a partir dos dados podemos perceber que o empenho para melhorar essa situação de preconceito linguístico ainda precisa ser alavancado de forma mais intensa. Percebe-se que outros tipos de preconceito ainda estão presentes e em evidência bem maior que o preconceito linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a conclusão de que ainda precisamos trabalhar muito com e na nossa sociedade para minimizar o preconceito linguístico existente. Nossos dados apontam que os próprios informantes desconhecem o preconceito linguístico, sabem que é sobre o modo diferente de falar, mas não sabem ou deixam passar fatos que são tipos de preconceito formado.

Nossos informantes conseguem perceber as diferentes formas de falar e quando são corrigidas veem como nada anormal, pois infringiram a norma culta da língua ensinada na escola. Não queremos aqui incriminar a escola, mas queremos que a sociedade entenda que, além da escola, existe um modo de falas de cada região, de cada indivíduo, que foi aprendida no seio familiar e de forma muito mais intensa do que a norma ensinada na escola. Precisamos saber dosar entre língua falada e escrita na escola é importante para nosso crescimento intelectual e profissional, lá aprendemos a ler e escrever, também aprendemos a nos comunicar segundo os moldes da língua denominada culta, no entanto nossas origens não devem ser esquecidas e muito menos ridicularizadas e vistas de forma preconceituosa. Nossa língua é nossa identidade é nela que está gravada nossa bagagem cultural e esta é individual e deve ser respeitada, sem preconceito da mesma forma como nossa cor, religião, orientação sexual, dentre outras.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolinguística. *Organon*, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017. DOI: 10.22456/2238-8915.74423. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/74423>. Acesso em: 5 nov. 2022.

Altenhofen, Cléo V. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: Nicolaidis, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política lingüística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil. In: *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.

AQUINO, Carla de. Uma discussão acerca do bilinguismo e do preconceito linguístico em populações bilíngues no sul do Brasil. Porto Alegre: Letrônica, julho de 2009.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo. Edições Loyola. 1999.

CURIOLETTI, Daiane Sandra Savoldi. Lusismos no Inglês em comunidades bilíngues português / italiano no Oeste Catarinense: a realização do /r/. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó - Santa Catarina, 2014.

DACOREGIO, Cíntia de Souza. As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua. Dissertação de Mestrado. UFFS, Chapecó. 2022.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS. *In*: UNESCO, 1996.

Disponível em:

http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf.

Acesso em: 05 nov. 2023

FACIN, Débora.; SPESSATTO, Marizete Bortolanza. O preconceito linguístico em textos de humor: uma piada sem graça. *Roteiro, [S. l.]*, v. 32, n. 2, p. 245–264, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/350>. Acesso em: 5 nov. 2022.

KRUG, Marcelo Jacó. Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de imigrante – RS. UFRGS, 2004.

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6293> Disponível em: Acesso em: 5 nov. 2022

MAAS, Martha Regina.; FRITZEN, Maristela Pereira. “A GENTE FALA MUITO ERRADO O PORTUGUÊS”: REPRESENTAÇÕES SOBRE LÍNGUAS EM UM CONTEXTO PLURILÍNGUE. *Organon*, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017. DOI: 10.22456/2238-8915.72106. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72106>. Acesso em: 5 nov. 2022.

PERINI, Mário Antonio. Gramática Descritiva do Português. São Paulo: Ática, 1999

POSSENTI, Sírio. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. *Rev. Est Ling.*, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 125-142, jul. 1996

POSSENTI, Sírio. Porque (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

PRECONCEITO. *In*: MICHAELIS. Editora Melhoramentos Ltda, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preconceito/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO. *In*: ESCOLA DA INTELIGÊNCIA. Escola da Inteligência: Educação Socioemocional, 2023. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/preconceito-linguistico/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO. *In*: UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. UNE, 2023

BÍBLIA DO CRISTÃO. SHIBBOLETH. In: BÍBLIA DO CRISTÃO. Bíblia Sagrada Online, 2020. Disponível em: <https://www.bibliadocristao.com/juizes/12/6>. Acesso em: 05 nov. 2022

RIQUE. Itamara Jamille C. Preconceito Linguístico: Sociedade, Escola e o Ensino de Português. Trabalho de Conclusão. Guarabira, 2012.

THUN, H. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland &

VANDRESEN, Paulino. (Org.). Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul. Pelotas: Educat, 2012.

ABSTRACT: With this study, we collected speech data on linguistic prejudice in the family circle in the city of Chapecó (SC). We are often identified and judged by our way of speaking, by our linguistic variety, a heritage of our group and the region in which we live. In this sense, we justify our study in Chapecó (SC), as it is a multicultural city, where several autochthonous and allochthonous linguistic varieties are spoken, both from late immigration (Germans, Italians, Poles, etc.) and recent immigration (Haitians, Venezuelans, Senegalese, etc.) and which, in contact with the official variety, are estimated to suffer some kind of prejudice. This study aims to verify the existence of linguistic prejudice in the speech of the population of Chapecó (SC) in one family. Society is aware of the meaning of the word "prejudice" when the media reports on cases that have occurred, such as racial, social, ethnic, religious and political prejudice, among others. However, there is another type that is considered "normal" or even "non-existent", which is linguistic prejudice, that is, according to Dacoregio (2022), the judgment of people's way of speaking. The main aim of this paper is to describe linguistic prejudice in the city of Chapecó, based on the perception of informants from one family. It is known that the consequences for those who suffer it and the extent of the seriousness for those who practice it are very great. This study will be based on the writings of Bagno (1999), Aguilera (2005), Altenhofen (2004) and Dacoregio (2022). Our data will be collected from the perceptions and speeches of the author's family.

KEY WORDS: Multilingualism; linguistic prejudice; recent immigration

RESUMEN: Con este estudio, recogimos datos del habla sobre el prejuicio lingüístico en el círculo familiar en la ciudad de Chapecó (SC). Muchas veces somos identificados y juzgados por nuestra forma de hablar, por nuestra variedad lingüística, herencia de nuestro grupo y de la región en la que vivimos. En este sentido, justificamos nuestro estudio en Chapecó (SC), por ser una ciudad multicultural, donde se hablan diversas variedades lingüísticas autóctonas y alóctonas, tanto de inmigración tardía (alemanes, italianos, polacos, etc.) como de inmigración reciente (haitianos, venezolanos, senegaleses, etc.) y que, en contacto con la variedad oficial, se estima que sufren algún tipo de prejuicio. Este estudio pretende verificar la existencia de prejuicio lingüístico en el habla de la población de Chapecó (SC) en una familia. La sociedad conoce el significado de la palabra "prejuicio" cuando los medios de comunicación informan sobre casos ocurridos, como el prejuicio racial, social, étnico, religioso y político, entre otros. Sin embargo, existe otro tipo que se considera "normal" o incluso "inexistente", que es el prejuicio lingüístico, es decir, según Dacoregio (2022), el juicio sobre la forma de hablar de las personas. El objetivo principal de este estudio es describir el prejuicio lingüístico en la ciudad de Chapecó, a partir de la percepción de informantes de una familia. Se sabe que las consecuencias para quienes lo padecen y el alcance de la gravedad de quienes lo practican son muy grandes. Este estudio se basará en los escritos de Bagno (1999), Aguilera (2005), Altenhofen (2004) y Dacoregio (2022). Nuestros datos serán recogidos a partir de las percepciones y discursos de la familia de la autora.

PALABRAS CLAVE: Multilingüismo; prejuicios lingüísticos; inmigración reciente